



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Invisibilidade Simbólica Feminina e Relações de Dominação: Um olhar a partir das Lavadeiras de Piraí, no Andirá Amazonas

Keyla Regina Pontes Nogueira¹

Secretaria de Estado da Educação e Qualidade de Ensino -SEDUC, Parintins, AM

Resumo

Este estudo visa averiguar a problemática da Invisibilidade simbólica feminina e relações de dominação: um olhar a partir das lavadeiras de Piraí, no Andirá Amazonas. Uma discussão a partir do pensamento complexo nas questões de gênero, política e poder das populações tradicionais.

Palavras-chave: invisibilidade; gênero; lavadeiras; patriarcado.

Introdução

Este estudo concentrou-se no tema invisibilidade simbólica feminina, estabelecendo um recorte nas lavadeiras de Piraí no Andirá Amazonas, com o intuito de verificar a maneira que as dominações de poder as anulam no palco das relações políticas. Na construção metodológica a abordagem foi qualitativa, porém sem a marginalização dos aspectos quantitativos a partir da Dialógica dos pressupostos de Edgar Morin de seu livro O Método 5.

As concepções teóricas aqui abordada é refutado nos autores: Scott (1990), Santos (2010), Torres (2005), Bourdieu (2007) e Foucault (1979), dentre outros. A análise dos discursos está atrelada a uma tessitura com as ciências, tais como: Antropologia, História,

¹ Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas (2005). Professora de Língua Portuguesa, na Secretaria de Estado da Educação e Qualidade de Ensino, email: keylanogueira008@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Sociologia e Filosofia e, saberes tradicionais na localidade do Pirai Andirá-AM. O trabalho de campo utilizou a metodologia investigativa e observacional de “registros etnográficos”, como forma de caracterização do tema abordado e como meio de compreender as relações de poder das vivências nas pontes aos palcos das decisões políticas na comunidade, que se deu a partir do entrelaçamento de saberes tradicionais dos gêneros, evidenciados através do cotidiano nas pontes dos portos das residências.

As vivências e saberes compartilhados entre os gêneros explicita a cumplicidade existente no trato das atividades diárias. Contudo, este entrelaçamento de saberes não se estende ao palco das decisões políticas na comunidade. Neste campo a interação dos cúmplices não conversa entre si e as relações de poder são limitadas. Configurando um ambiente de dominação de um gênero e marginalização de outro. Dentre os múltiplos resultados constatados ficou explícita a dominação patriarcal que anula o protagonismo feminino nas relações para além das atividades do cotidiano. Certificou-se que o modelo de patriarcado além de marginalizar o feminino, não contribui para o desenvolvimento social de um grupo, negando a participação do feminino como agente sociopolítico.

1. Invisibilidade simbólica feminina e relações de dominação: um olhar a partir das lavadeiras de Pirai, no Andirá Amazonas

As frequentes estadas na comunidade do Pirai no rio Andirá município de Barreirinha na região do Baixo Amazonas, despertou o interesse em averiguar de que forma ocorre a invisibilidade simbólica feminina e relações de dominação a partir das lavadeiras da localidade. Essas relações transitam pelas pontes das residências em um tráfego congestionado de saberes tradicionais de homes e mulheres.

A partir das observações do fluxo de homens, mulheres e crianças nas pontes dos portos das residências do local, percebeu-se a intensa manifestação de saberes tradicionais no cotidiano dos moradores, revelado em seus afazeres, entrelaçados em um só protagonismo que os leva a um único nível de destaque no pódio da vida. As atividades de grupo na Comunidade se dão desde a ponte até ao palco das decisões políticas, porém de formas diferenciadas. Na ponte se faz os relatos das vivências, compartilhados durante



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

as atividades do cotidiano, firmando os laços familiares; as relações são estendidas aos compadrios e madrinhas que demonstram os sentimentos de sociabilidade. No entanto, no palco das discussões políticas, o entrelaçamento torna-se invisível, o protagonismo do gênero antes compartilhado, fica direcionado à figura masculina.

Neste artigo não se delinea um protagonismo, mas sim revelar o invisível nas relações a partir das lavadeiras do Pirai. Sabe-se que a intolerância da forma de pensar do patriarcado tem raízes profundas. Assim propomos aqui estabelecer uma ressignificação a partir dos diálogos e descrever as nuances do cotidiano nessas relações de gênero, essas relações se inserem nos aspectos biológicos como condição de análise que caracterizam o lugar de fala. Alguns autores veem tecendo perspectivas e dando visibilidade ao gênero feminino, como, por exemplo, Machado (2000, p.6), descreve sua perspectiva de gênero, a saber:

Em primeiro lugar porque se está diante da afirmação compartilhada da ruptura radical entre a noção biológica de sexo e a noção social de gênero. Em segundo lugar, porque se está diante da afirmação do privilegiamento metodológico das relações de gênero, sobre qualquer substancialidade das categorias de mulher e homem ou de feminino e masculino. Em terceiro lugar porque se está diante da afirmação da transversalidade de gênero, isto é, do entendimento de que a construção social de gênero perpassa as mais diferentes áreas do social. Estes parecem ser os três pilares que permitem diferenciar a proposta pragmática dos estudos de gênero frente à proposta metodológica dos estudos sobre mulheres.

A partir desta análise conceitual de Machado, há uma construção metodológica que permeia o pensamento epistêmico nas relações de gênero e este a categoriza de forma simbólica e perene na vida sociocultural das comunidades Amazônicas. Na Comunidade do Pirai essas relações se estabelecem visivelmente no palco das decisões, as mulheres permanecem às cercanias, porém, protagonizam a vida no cotidiano da comunidade. Evidenciando a visibilidade social e a politização do patriarcado, que reservam a elas o símbolo da invisibilidade.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

O entrelaçamento dos afazeres não se estende ao palco das decisões políticas da comunidade, a interação dos saberes não conversa entre si, há nesse universo sociocultural uma marginalização dos diálogos onde as redes de poder machistas imperam. Para Foucault “não tem direito de falar [...], que qualquer um não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2006, p.9). Cabe, portanto uma reflexão, e indignação como meio e mecanismo de romper com velhas práticas de convívio e o sono no pensar, com o intuito de acordar e visualizar o outro com o olhar de igualdade.

Na rede de relações de poder em comunidades rurais são visíveis, os discursos e a aceitação dos poderes que transitam nos entrelaçamentos, como, por exemplo, no trabalho das atividades socioculturais a entrevistada Raimunda Isabel Carneiro Pontes (47 anos) técnica em enfermagem moradora da Comunidade Pirai no Rio Andirá, lócus desta pesquisa, fala deste assunto no seguinte sentido:

Na comunidade tem os nossos representantes que cuidam das coisas, eles fazem as reuniões e veem o que vai ser feito na festa do padroeiro, nós ficamos com a parte da cozinha e preparamos o que vai ser vendido nos leilões, a ornamentação da igreja, o trajeto da procissão, o desfile da boneca viva. (entrevista, 2018).

Na fala da entrevistada se percebe a naturalização dos afazeres como atividades para homens e mulheres bem definidas, há nesse discurso a fala das mulheres para a esfera privada, enquanto a dos homens para a esfera pública. Para Perrot (1988, p.176) “As fronteiras entre o público e o privado nem sempre existiram [...]”, essas fronteiras existem, são mecanismos de poder, mas que o empoderamento feminino vem rompendo essas fronteiras, é “uma zona maldita, proibida e obscura: o local de nossas delícias e servidões, de nossos conflitos e sonhos [...]” (PERROT. 1991, p.9).

Na Comunidade se detecta que as mulheres se veem num plano secundário e não de protagonismo. Neste raciocínio, Bourdieu (2007, p.82), analisa que “a dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, que a colocam em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica”.

Constatou-se a invisibilidade simbólica feminina em um cenário que transita todo o protagonismo de saberes em suas vivências cotidianas. Este empoderamento dos



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

saberes tradicionais nas atividades restringe - se a este aspecto, a participação no centro das decisões políticas, alcança somente às cercanias dos debates, configurando um ambiente de dominação de um gênero e marginalização de outro, como, por exemplo, na questão do trabalho na roça.

No trabalho do puxirum² na roça, a entrevistada Alice Maria Oliveira Pontes (45 anos). “O trabalho do puxirum é dividido entre homens e mulheres, os homens tão lá preparando o roçado e as mulheres tão fazendo a comida para os homens que tão no roçado”. Entende – se que as mulheres têm suas atividades de fazer comida como um trabalho secundário, e que somente as atividades dos homens são encaradas com relevância. As mulheres são protagonistas nas atividades diárias, pois estão presentes em todos os eventos, apenas em participação diferenciada. Tendo em vista que são os homens que nomeiam as atividades que serão denominadas como de homem e de mulheres.

As atividades em grupo acabam ultrapassando os limites da questão do trabalho em si, uma vez que adultos e crianças compõem aquele dia de encontro, estabelecendo as relações de sociabilidade evidentes entre os participantes, firmadas desde o servir de um copo de água na roça pelas crianças que ali transitam até uma merenda rápida servida pelas mulheres, transcorrendo diálogos de puro lazer e entretenimento sobre os acontecimentos na prática do trabalho que se transformam em humor, como, por exemplo, o susto por visualizar uma cobra, ou uma caça que se assusta esporadicamente com os trabalhadores no roçado.

Há neste roçado papéis definidos entre homens, mulheres e crianças, mais por nomeação simbólica do que a atividade em si, porque as mulheres muitas vezes são vistas como organizadoras e provêm todo o trabalho na comunidade, inclusive ensinando na prática seus filhos a executarem as tarefas diárias com maestria e zelo; são ensinamentos que dão uma figuração de poder às crianças que aprendem a lida desde cedo. De acordo com Matos (2008, p. 30):

² Puxirum é a denominação dada ao trabalho coletivo, uma espécie de mutirão realizado pelos comunitários.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Extraímos da “floresta” as manhas de suas estruturas sociais e as possibilidades de ver nessas figurações as valências abertas e imergir nelas com um maior nível de poder. Quem for para dentro da floresta vai com um conhecimento, social e ambiental da região. Conhecedor da estrutura social peculiar dessas comunidades, pode manipular as pessoas dentro de uma figuração gerando ações em benefício próprio, mas com características depredativas. Entretanto, nem tudo vai em uma única direção. Se forças externas de coerção não punirem o malfeitor, a “natureza” se encarregará disso. Nós e os outros – seres humanos e os não humanos – estamos presenciando o mais concreto dos exemplos do qual surge nossa preocupação. A natureza dá sinais em resposta ao excessivo uso de seus recursos. A observação, em retrospectiva, nos proporciona vislumbrar, já em curso, uma nova força do processo civilizacional.

Nesta fala sobre figuração e poder, evidencia-se a formação das estruturas socioculturais na comunidade, onde se nomeiam poderes para a manutenção de uma ordem do patriarcado visível, porém, para a existência desta estrutura se observa e se descreve as ações dos saberes tradicionais transmitidas aos seus filhos.

Deste modo, nas pontes das lavadeiras de roupa os questionamentos são aflorados. As pontes são palcos dos moradores na sua totalidade, onde tomam banho, lavam as suas roupas; é o lugar de chegada e saída dos comunitários, onde acontecem os encontros, as discussões dos problemas do cotidiano da comunidade, ali, evidencia-se o protagonismo do gênero e que ao mesmo tempo denota a invisibilidade simbólica feminina no palco das decisões políticas da comunidade. A ponte não se configura como lugar oficial das discussões, contudo, não deixa de ser o lugar real daquilo que está escondido que muitos não querem revelar.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018 (Keyla Nogueira)
Mulheres na ponte no porto da comunidade do Pirai no Rio Andirá.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Na busca do revelar da marginalização das protagonistas na relação de poder no palco das decisões políticas, é necessária a compreensão de suas mais diversas formas de manifestações socioculturais. Nesta concepção de pensar Scott nos informa que “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p.14).

As relações de poder desde sempre obedeceram a um processo de diferenciação dos gêneros, perpetuando a invisibilidade da mulher no âmbito das relações sociais. Considerando o feminino tanto no intelectual quanto no físico um ser incapaz, restringindo-as ao ambiente doméstico aliado ao sentido da reprodução.

As lutas pelo reconhecimento dos direitos e participações das mulheres na sociedade alcançaram certas conquistas, contudo, ainda é latente a marginalização delas nos palcos das decisões políticas. Como vemos em Bourdieu (2007, p. 45) no recorte a seguir, quando:

[...] a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se veem [*sic*] envolvidas, esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica.

Diante deste contexto, as relações de poder evidentes na comunidade pesquisada, vivenciam-se paralelas aos afazeres do cotidiano dos saberes tradicionais, do trabalho ao lazer, todavia, findam nas cercanias do protagonismo das relações de poder nas decisões políticas. Manifestando a invisibilidade simbólica do gênero, que é regida também sob a luz do inconsciente feminino, decorrente das práticas de doutrinas educacionais que as fizeram acreditar em sua incapacidade para o protagonismo central. Neste raciocínio, Bourdieu (2007, p. 82) confirma que: “A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos... tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica”.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Por conseguinte, revela-se a invisibilidade simbólica do gênero nas relações de poder das decisões políticas, sob o prisma de uma inferioridade feminina, cultuada e proliferada de modo sutil e doutrinário nas relações sociais. Anulando todo seu protagonismo já concebido nos saberes tradicionais, no labor e no trabalho, sendo, o que mantém o fluxo das vivências nas micro manifestações de poder. Em Foucault (1979, p.80,81) que: “(...) a relação entre o poder e o saber, as incidências de um sobre o outro... Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder”.

Ainda em Foucault, (1979, p.79) afirma: “as mulheres formam seus campos de poderes através das relações microfísicas.”. Em suas vivências, seus saberes, revelando-se assim seu protagonismo nas relações sociais. Não obstante, essas relações microfísicas as marginalizam perante a dominação de poder no palco das decisões políticas, que manifesta a invisibilidade simbólica de gênero.

Sob o conceito pré-estabelecido de que os afazeres das vivências cotidianas estão à parte das relações de poder no palco das decisões políticas, inferioriza-se não somente o gênero por si, mas suas atividades laborais. Sobre o cotidiano e as vivências, a entrevistada Maria Joalice Carvalho Marinho (58 anos), relata: “Pela manhã depois do café dos nossos maridos, nós vamos pra ponte lavar roupa, lá lavamos roupas e conversamos sobre as coisas da vida”.

Constituindo um cenário que desvaloriza o ciclo da vida, negando o entrelaçamento que há entre o fazer e o que é feito no âmbito das vivências do cotidiano. No que explicita Arend (1999, p.110) que: “o trabalho e o consumo são apenas dois estágios do eterno ciclo da vida biológica. Este ciclo é sustentado pelo consumo, e a atividade que provê os meios de consumo é o labor”.

A compreensão moderna entre labor e trabalho, conceitua o labor como atividade de esforço do corpo em atender às necessidades de subsistência, sem produzir um produto final a partir da efetivação do fazer, enquanto o trabalho realiza e produz matéria fim na realização da prática. No que afirma Arend (1999, p. 98) que:



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Em outras palavras, a distinção de trabalho produtivo e improdutivo contém, embora eivada de preconceito a distinção mais fundamental entre trabalho e labor. Realmente é típico de todo labor nada deixar atrás de si: o resultado do seu esforço é consumido quase tão depressa quanto o esforço é despendido.

Partindo desta concepção, seria possível justificar as manifestações de marginalização de gênero na comunidade pesquisada, contudo, não condiz com a realidade observada, pois tanto a realização de atividades laborais quanto de trabalho “produtivo” não difere a não participação das protagonistas dos afazeres do cotidiano nas relações de poder no palco das decisões políticas.

No trabalho na roça a entrevistada Alice Maria Oliveira Pontes (45 anos), doméstica:

Eu trabalho na roça deste muito jovem, sempre foi um trabalho de mulher, os homens iam pescar, mas a preparação do terreno para plantação era feito pelos homens, eles faziam o roçado. A plantação, o preparo da maniva até o plantio que precisa preparar a terra e saber cuidar da maniveira até o tempo da colheita é a mulherada que faz (Entrevista,2018).

O protagonismo feminino transcende as esferas das atividades denominadas laborais e/ou as de conhecimentos tradicionais, ele se faz presente em todas as atividades realizadas por elas, ainda as que se denominam de trabalho “produtivo”.

Vê-se então, a invisibilidade simbólica de gênero que parte de um poder de dominação masculina, que se perpetua através das relações sociais, decorrentes de práticas que exercem alienação, permeando o pensamento de incapacidade intelectual e física inculcados nos discursos dominantes. Em Foucault (1979, p.77) diz: “se constituem estratégias de poder que se transformam em práticas discursivas que disciplinam o corpo, instituindo gestos, atitudes, condutas e posturas, regulam a mente e ordenam as emoções”.

Há uma relação que transcende os aspectos físicos no trabalho dos sujeitos moradores e o bioma Amazônico, nessa relação de trabalho e conhecimento de seu meio, praticando e vivenciando empiricamente, onde a corporeidade tem subjetividades de entendimento.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Os estudos sobre a corporeidade sempre foram recheadas de análises restritas aos aspectos da funcionalidade física, ou seja, da diferença biológica entre os sexos feminino e masculino e em cada lugar a diversidade cultural se encarregou de formular e materializar suas ações com o meio transformando sua ação humana em mecanismos históricos e culturais das sociedades.

No entanto na contemporaneidade a corporeidade e o trabalho do Gênero feminino nesses imensos espaços de rios e florestas nos levam nesta análise à reflexão da sociologia e antropologia do Corpo, numa perspectiva de compreender os aspectos da violência simbólica sobre o outro.

Na historiografia se argumenta a formação e constituição de uma sociedade paternalista, que produziu e instituiu no decorrer da história a marginalização do Gênero feminino, esta forma de pensar norteou normas e valores de condutas consideradas socialmente aceitas por uma espécie de “camisa de força” que se respaldava na clássica abordagem da diferença do corpo sexuado no aspecto biológico e anatomofisiológicos em detrimento das condições e processos culturais subjacentes a cada sociedade.

Podemos compreender que nossa concepção acerca da percepção da cultura que habitualmente vivenciamos, no caso aqui do gênero feminino é influenciada por um discurso dominante, onde os aprendizados das atividades do trabalho se iniciam desde o nascimento e o primeiro contato do corpo com a família e a comunidade pertencente.

Historicamente no meio Amazônico o imaginário construído pela diferença sexual do trabalho se configurou a partir de uma visão hierárquica dos papéis desempenhados nas atividades, para mulheres e para homens, sendo que essa rígida diferenciação vem sofrendo modificações, e as mulheres são inseridas nessa nova dinâmica das atividades trabalhistas.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Considerações finais

Decorrente de estudos científicos, em especial na Biologia e Antropologia, vem se desmistificando a superioridade intelectual ou física entre homens e mulheres. Contudo, presencia-se a marginalização de gênero em aspectos que envolvam relações de poder para além dos afazeres do cotidiano, evidenciando a invisibilidade simbólica feminina no poder de dominação, efetivada nas manifestações socioculturais.

No palco das decisões, o patriarcado se faz presente e talvez com o grito e o empoderamento feminino se vislumbre uma perspectiva de conquista de direitos, exatamente porque transitam por todos os afazeres do cotidiano no espaço pesquisado, uma vez que as políticas governamentais nestes espaços são inexistentes, não há um planejamento que possibilite um enfrentamento das alterações no bioma, assim os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, são os meios com os quais estes podem articular seus meios alternativos para superar os problemas do cotidiano.

A própria formação geológica do lugar dá uma certa segurança, uma vez que o difícil acesso é característico do Rio Andirá na Comunidade do Piraí, porém para a prática predatória não há fronteiras, no entanto, os moradores se mostram conscientes e politizados quanto à preservação dos lugares de pesca e extração de madeiras e outros meios de subsistência da região.

Assim, é necessário desmistificar ou dar visibilidade o que está visível, possibilitar às próprias mulheres um olhar para si, ou seja, o maior obstáculo pode ser o conformismo e a naturalização da aceitação da condição secundária, não se trata de uma luta pela hierarquização de lugar entre os gêneros, mas de um reconhecimento igualitário entre seus pares, uma vez que não há o reconhecimento tanto pela mulher quanto pelos homens da comunidade. Assim se faz necessário deslegitimar as práticas do que está posto como estrutural na cultura local, a qual está impregnada nas formas de pensar e na construção de todo um imaginário e relações do cotidiano, e essas diferenças impossibilitam a valorização e dignidade das relações e existência na comunidade, de forma democrática e sem contradições na vida política e no palco das decisões do cotidiano na comunidade.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. Traduzido por Roberto Raposo. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1999.

BOURDIEU, P. 1989. **O poder simbólico**. Lisboa, Difusão Editorial.

_____. **A dominação masculina**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**. Traduzido por Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006

GATTAZ, André Castanheira. **Braços da resistência; uma história oral da resistência espanhola**. São Paulo; Xamã, 1996.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. **Práticas socioculturais, figuração, poder e diferenciação em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina – Comunidades Amazônicas / Gláucio Campos Gomes de Matos**. - Campinas, SP: [s.n], 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de historia oral**. São Paulo: vértice, 1986.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

_____. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**; tradução Eloá Jacobina, 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Traduzido por Juremir Machado da Silva. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

PERROT, Michelle. **Identité, égalité, différence – le regard de l’histoire in: Les femmes ou les silences de l’histoire**, Paris, Flammarion, 1998.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Introdução à história da vida privada**. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Orgs.). História da vida privada. São Paulo: Cia das Letras, 2001b.

_____. Sair. In: DUBY, George; PERROT, Michelle. (Orgs.). **História das mulheres: o século XIX**. Lisboa: Afrontamento, 1991.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

_____. **Figuras e papéis.** In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Orgs.). História da vida privada. São Paulo: Cia das Letras, 2001c..

POSSENTI, Sírio (2009), **Os Limites do Discurso: ensaios sobre discurso e sujeito.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SAMPAIO, P. M. M. **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia.** 2011. (Editoração/Livro).

SANTOS, Boaventura de Sousa (2006), **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política.** São Paulo: Cortez. Editora (2007).

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente : contra o desperdício da experiência.** São Paulo : Cortez, 2000.

_____. **Para além do pensamento abissal : das linhas globais à ecologia de saberes.** In : SANTOS, Boaventura de Souza ; MENEZES, Maria Paula (org). Epistemologia do Sul. São Paulo : Cortez, 2010.

SCOTT, Joan. Gênero: **uma categoria útil para análise histórica.** Traduzido por Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. In: Educação e Realidade N.2.UFRGS, 1990.

TORRES, Iraildes Caldas. **As novas amazônidas.** Manaus: Edua, 2005.

_____. **Arquitetura do poder: memória de Gilberto Mestrinho.** Manaus: Edua, 2009.

_____. **A Formação Social da Amazônia Sob a Perspectiva de Gênero/ ST 19 - Intersecções entre gênero e sociodiversidade amazônica,** UFAM, agosto 2008.